

## **FATORES INIBIDORES DA CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: um olhar dos discentes**

**HÉLIO TRINDADE DE MATOS**

Universidade Federal do Maranhão - UFMA  
matosht@bol.com.br

**HEIDY R. RAMOS**

UNINOVE – Universidade Nove de Julho  
heidyr@gmail.com

CAPES

**ÁREA TEMÁTICA:** Ensino e Pesquisa em Administração

**FATORES INIBIDORES DA CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: um  
olhar dos discentes**

**Resumo**

Este artigo apresenta os fatores inibidores percebidos por alunos do curso de Administração de Empresas à promoção de condições adequadas a expressão e ao desenvolvimento da criatividade, na formação profissional. Investiga os fatores inibidores a promoção da criatividade no Ensino Superior, apontados pela literatura, de forma individual, mas também os investiga de forma coletiva, em três grupos: direção da unidade de ensino superior, coordenação pedagógica e corpo docente. A pesquisa foi realizada em Instituições de Ensino Superior (IES), privadas e pública, com a participação de 262 alunos. Os resultados indicaram que os principais fatores inibidores à promoção da criatividade são os relativos à direção e ao corpo docente da IES. De forma individual os três principais fatores inibidores apontados pelos alunos foram: escassez de recursos materiais, elevados número de alunos em sala de aula e presença de alunos indisciplinados que perturbam o trabalho docente. Destaca-se que a percepção quanto aos fatores inibidores não variou entre os alunos da instituição pública e das instituições privadas.

**Palavras-chave:** Fatores inibidores, Desenvolvimento da criatividade, Ensino superior

**Abstract**

This article presents the inhibiting factors perceived by students of Business Administration course to the promotion of adequate conditions for expression and the development of creativity, in vocational training. Investigates the factors that inhibit the promotion of creativity in Higher Education, which were pointed out by the literature, individually, but also investigates in a collective way, into three groups: unit of higher education, coordination and pedagogical faculty. The research was conducted in Higher Education institutions (HEIs), private and public, with the participation of 262 students. The results indicated that the main inhibiting factors to the promotion of creativity are those relating to the direction and the faculty of the IES. Individually the three main inhibiting factors pointed out by the students were: lack of material resources, high number of students in the classroom and presence of unruly students who disrupt the teaching work. It should be noted that the perception of the inhibiting factors did not vary among the students of public institutions and private institutions.

**Keywords:** Inhibiting factors, Development of creativity, higher education

## 1. INTRODUÇÃO

Na sociedade do conhecimento há a constatação, cada vez mais, de que a capacidade de criar, inovar e se diferenciar é essencial. É um fator necessário ao profissional empreendedor está preparado para as exigências e mudanças do ambiente, o que impõem aos acadêmicos de Administração a busca pelo desenvolvimento do seu potencial criativo. Assim, de acordo com Ruas (2005) num ambiente instável e de baixa previsibilidade passa a ganhar importância o papel de certas competências como a disponibilidade e adaptação às mudanças, a capacidade de improvisar em situações imprevistas sem se descuidar da estratégia, perceber oportunidades e ameaças em cenários futuros e a capacidade de inovação.

A demanda por profissionais criativos, com competência para estabelecerem estratégias eficientes, identificar oportunidades, abordar e resolver problemas imprevisíveis tem sido a ênfase das organizações, como observado por Alencar (2010) e Cropley (2005), entre outros autores. Essas competências sustentadas por elementos intangíveis como percepção, criatividade, flexibilidade, improvisação, são denominadas de *competências voláteis*, pois são difíceis de conceituar, desenvolver, mensurar e avaliar (Ruas, 2005). A criatividade permite ao profissional atuar sobre as oportunidades de maneira a criar uma vantagem competitiva para a organização. Ou seja, estabelecendo a base para a inovação e o crescimento do negócio, bem como proporcionar um impacto positivo para a sociedade em geral (Bilton 2007).

Diversos trabalhos científicos evidenciam as demandas por métodos criativos (caminhos), didática (como caminhar) e *práxis* (o caminhar em si) no âmbito do ensino superior, para responder questões como as propostas por Maribel Barreto (2007): “a) como acontece à criatividade no ensino superior? b) qual o papel da criatividade nas práxis do docente e do pesquisador? c) como produzir uma ação criativa que impacte na ação do docente e do pesquisador? ”.

Ainda, segundo Maribel Barreto (2007) os autores (Abreu e Masseto, 1990), Pimenta (2002), Anastasiou e Alves (2003) e Zabalza (2004), estudiosos e pesquisadores do ensino superior, propõem a efetiva passagem da docência baseada no ensino para a docência baseada na criatividade e aprendizagem. O que leva os docentes a uma dupla competência: a competência científica, como conhecedores fidedignos do âmbito científico ensinado e a competência pedagógica, com pessoas comprometidas com a formação e a aprendizagem dos estudantes Zabalza (2004).

Dentre as variadas questões pesquisadas sobre o tema criatividade no ensino superior destacam-se: habilidades de pensamento criativo dos estudantes (Cheung *et al* 2003); avaliação sobre o nível de criatividade, de alunos e professores (Alencar, 2002); atributos do professor facilitador e inibidor da criatividade (Alencar, 2000); barreiras à criatividade pessoal (Alencar, Fleith, Mitjans Martínez, 2003); percepção de estudantes e professores universitários com relação à eficácia e criatividade docente (Souza, 2001); percepção de estudantes e professores da educação superior sobre o ensino inovador (Jaskyte, Taylor, Smariga, 2009); percepção de estudantes e professores referente as condições favoráveis à promoção da criatividade (Alencar, Fleith, 2008b; Souza, Alencar, 2006); as expressões da criatividade, auto avaliação sobre o nível de criatividade e formas de estimular e desenvolver a criatividade docente e discente (Parnes 1988; Alencar 2002; Castanho 2000), e a importante pesquisa sobre fatores inibidores à criatividade na educação superior (Alencar; Fleith, 2010).

No que diz respeito especificamente à questão sobre as barreiras a promoção da criatividade na Educação Superior, a análise da literatura indica ser um tema pouco discutido. Exceções são os estudos de Jackson (2006), Edwards, McGoldrick e Oliver (2006), Fryer (2006) e Alencar e Fleith (2008). Jackson (2006) sinaliza para atitudes e resistências do corpo docente e estudantes; elementos organizacionais de natureza estrutural, cultural e processual; tempo e outros recursos; e políticas governamentais como possíveis fatores inibidores.

Possíveis barreiras ou dificuldades encontradas por docentes universitários para promover condições favoráveis realizada por Eunice Soriano Alencar e Denise Fleith (2010), com o objetivo de investigar elementos percebidos pelos docentes da educação superior como inibidores (barreiras) à promoção de condições adequadas ao desenvolvimento e expressão da criatividade dos discentes.

Observa-se que os estudos realizados procuram entender a criatividade sob o ponto de vista pedagógico do ensino, eficácia docente, expressões e percepções favoráveis dos professores. Existindo ainda a necessidade de estudos, mais particularizados, sob o ponto de vista dos discentes, de forma a se compreender os relacionamentos entre a estrutura, a prática pedagógica e o corpo docente das unidades de ensino superior.

Assim, considera-se como problemática para esse estudo a identificação de quais e onde se localizam os principais fatores inibidores à promoção e ao desenvolvimento da criatividade no ensino superior. Se na direção, na coordenação pedagógica ou no corpo docente da Instituição de Ensino Superior. Portanto, buscou-se responder a seguinte questão de pesquisa: quais os elementos inibidores à promoção e ao desenvolvimento da criatividade no ensino superior sob o ponto de vista dos universitários? Para tanto, o objetivo geral da pesquisa é identificar quais e onde se localizam os principais fatores inibidores à promoção e ao desenvolvimento da criatividade no ensino superior a partir de uma pesquisa com estudantes universitários.

Este trabalho está estruturado em quatro seções: a primeira consistindo desta introdução onde são apresentados o motivo e objetivo da pesquisa; a segunda aborda o conceitual teórico da fundamentação da pesquisa; a terceira onde se mostra a metodologia utilizada e, finalmente, na quarta seção a apresentação dos resultados e as considerações finais.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Conceito de Criatividade**

Para compreensão do que é a criatividade pode-se construir um conceito genérico a partir da soma de alguns elementos, tais como: curiosidade, capacidade de ver as coisas sob um ângulo inusitado, perseverança, autoconfiança, humildade para perceber os próprios limites e a capacidade de perceber a utilidade de uma ideia. Sob a ótica etimológica, as palavras *criar* e *criatividade* estão relacionadas ao vocábulo grego “*greer*” que significa produzir, crescer e ao latino “*crescere*”, e também, a “*Ceres*” a deusa romana, que lhe dá o significado de crescer da terra, ou a partir do inerte (Piiro, 1992).

O estudo da criatividade fez progressos consideráveis desde os tempos das afirmações como as de Milford Brad, no *Graham's Magazine* em 1829, em que ele considerava que, uma vez que o fornecimento de sangue ao cérebro era o fator mais importante da genialidade, o cabelo ruivo constituía uma característica observável do gênio (Friedel, 1992). Mais tarde, se bem que precedido por trabalhos como os de Vasary, em 1568 (Boorstin, 1993), e o estudo de Sócrates por Lélut, em 1836 (Prentky, 1989), é ao livro de Sir Francis Galton “*Hereditary Genius*”, em 1870, que se atribui o início do estudo da criatividade.

Galton (1979) investigou que a excelência em diversos domínios possuía um conjunto comum de causas como: capacidade inata, vontade de trabalhar e um “poder adequado para realizar um trabalho muito laborioso”, aludindo à inteligência. Para Teresa Amabile (2001) a inteligência é aceita como sendo apenas um dos componentes da criatividade, necessária, mas não suficiente. Mas, o valor social da criatividade só se afirma quando associado às formas pelas quais a sociedade reconhece a inteligência.

Encontra-se hoje, variadas teorias sobre a criatividade que podem ser agrupadas em dez categorias, para sistematizar a compreensão: desenvolvimentista - a criatividade se desenvolve

ao longo do tempo; psicométrica - criatividade pode ser medida; econômica - a ideia criativa é influenciada pelas forças do mercado e análise de custo benefícios; *estágio e processo* - a expressão criativa surge através de etapas ou componentes; cognitiva - pensamentos criativos são fundamentais para a criatividade; solução de problemas e base de experiência - soluções criativas a partir de um processo racional; busca de problema - pessoas criativas agem proativamente e o processo exploratório de identificação de problemas a serem resolvidos; evolucionária ou Darwinista - evolução da criatividade semelhante ao processo Darwinista; tipológicas - criações variam como as diferenças individuais e sistema - a criatividade resulta de uma série fatores interativos e inter-relacionados, como exposto por Runco, (2010).

A partir dos estudos empíricos de Guilford (1950) que indicam ser a criatividade uma “habilidade universal que precisa ser reconhecida e desenvolvida” estrutura-se a investigação e construção de um conceito específico para este construto que os estudiosos concordam ser extremamente complexo.

A criatividade pode ser investigada por meio de variadas abordagens, sendo a mais usual a que considera os chamados 4Ps (*Person, Process, Product, Press*), proposta por Mel Rhodes (1961). Considerou a criatividade como um fenômeno, no qual uma *pessoa* comunica um novo conceito — o produto. A pessoa chega até esse produto por meio de um processo mental. Como nenhum ser humano vive ou opera no vácuo, é necessário considerar o ambiente. (Academia Pearson, 2011), como proposto por Christian De Cock (1993), referindo-se à proposição inicial de Mackinnon (1963), ou seja, da pessoa, do processo, do produto e do ambiente.

Mais recentemente Csikszentmihaly (1990) e Gardner (1994) propuseram a divisão do estudo segundo os aspectos de campo (indivíduos e instituições que julgam os produtos), domínio (estrutura e práticas associadas a um dado campo de conhecimento) e indivíduo; e Sternberg e Lubart (1995) propuseram o estudo da criatividade englobando seis aspectos: capacidades intelectuais, conhecimento, estilos de pensamento, personalidade, motivação e ambiente.

Dois níveis de análise são geralmente apresentados como fazendo parte de um contínuo, entre um polo em que a criatividade pode ser vista apenas como “fazer melhor aquilo que se faz”, - a criatividade com ‘c’ - e o polo oposto, a criatividade com ‘C’. A criatividade com ‘c’ constitui o motor de estudo dos processos destinados a desenvolvê-la nos indivíduos, a criatividade com ‘C’ é o construto a partir do qual toda a compreensão do fenômeno deve ser vista como complemento da primeira, podendo ser aplicada além do individual em grupos, organizações e sociedades. Portanto, a criatividade pressupõe a comunicação ativa, sob a forma persuasão, como afirma Simonton (1991) “criar e liderar são ambas as formas de comunicação. Todos os líderes são criativos”.

### **2.1.1 A pessoa criativa**

Uma das questões recorrentes nos estudos sobre a pessoa criativa consiste na indagação: a criatividade pode ser aprendida? Conforme Terra (2012) a resposta não é simples e requer uma reflexão aprofundada sobre o que vem a ser a criatividade. O autor destaca que não há teste fidedigno para medir quantitativamente e de forma precisa a criatividade de uma pessoa. Ela se manifesta de diferentes formas, tendo como única forma de mensuração o reconhecimento de outras pessoas (interlocutores). Nesse contexto, de acordo com o autor é plenamente possível tornar alguém mais criativo, pois a criatividade se revela a partir de associações e combinações inovadoras de planos, modelos, sentimentos, experiências, associações e fatos. O fundamental é propiciar oportunidades e incentivar os indivíduos tentar novas experiências, testar hipóteses e, principalmente, estabelecer novas formas de diálogo, com pessoas de outras formações, tipos de experiências e cultura. (Terra, 2012).

Vários outros autores também defendem a ideia que as pessoas se tornam criativas de acordo com o contexto, no qual assumem um papel preponderante conforme estudos de Ferreira e Candeias, citado por Runco (2007) que todo indivíduo tem potencial para ser criativo, mas nem todos fazem uso dele por falta de oportunidades para desenvolvê-lo.

### **2.1.2 O processo criativo**

Segundo Stein (1989) processo criativo é o que ocorre no indivíduo, ou entre indivíduos e que outros percebem, tendo em vista a construção de um produto criativo. Os processos podem ser primários (de associação livre, tipo sonho) ou secundários de pensamento (racionais, orientados para a realidade) conforme expostos por Kris (1952). O modelo mais conhecido de processo criativo é com quatro fases: a) preparação - fase corresponde à coleta de informações sobre um problema; b) incubação – que corresponde a um afastamento do problema; c) iluminação - é aquela na qual a pessoa chega à solução do problema, e d) verificação - na qual é realizada ajustes na solução encontrada.

O estudo do processo criativo evoluiu, sendo reconhecido hoje que as pessoas criativas desenvolvem processos de pensamento iguais as pessoas ditas comuns (Weisber, 1991), e que não existem fases de iluminação ou fenômenos de inspiração (Freyer, 1996).

### **2.1.3 O produto criativo**

Segundo Teresa Amabile (2001):

[...] um produto ou uma resposta, é criativo na medida em que constituir, simultaneamente, uma novidade ou uma resposta útil ou de valor para a tarefa em curso, desde que ela seja heurística e não algorítmica (aquela cujo caminho para chegar à solução é claro).

E as noções de originalidade e valor, como na definição de Rothenberg (1976) ‘criatividade é a capacidade ou estado que produz criações (produtos novos e com valor)’ constituem as dificuldades na interpretação do significado do conceito. Podendo-se concluir que existe criatividade pela simples aparição de uma ideia, isto é, aquilo que é percebido mentalmente e não através dos sentidos, seja isso constituído por objetos, pelas relações entre esses objetos, ou pelas imagens mentais desses mesmos objetos. A criatividade é, assim, um produto do pensamento na tentativa de estabelecer uma ordem no mundo percebido.

Há ainda o contraste entre a motivação intrínseca e a extrínseca na obtenção de um resultado (produto). A motivação intrínseca atua para que o indivíduo desenvolva suas atividades com muito mais criatividade e demonstre interesse apaixonado; a extrínseca atua no meio para se chegar ao resultado. Exemplo, o trabalho é um meio de se ganhar dinheiro, portanto, o estado de motivação intrínseco conduz a criatividade na sua execução, já o estado de motivação extrínseco é que o trabalho é cansativo, ou seja, é prejudicial à criatividade (Amabile, 2001).

### **2.1.4 O ambiente**

A atividade criadora só pode exercer-se plenamente dentro de um clima aberto e liberal, com independência aos constrangimentos exteriores, materiais ou morais. A criatividade só pode subsistir onde o ambiente seja favorável ao processo no seu todo. O ambiente de aprendizagem escolar é um lugar previamente organizado para promover oportunidades de aprendizagem e que se constitui de forma única na medida em que é socialmente construído por alunos e professores a partir das interações que estabelecem entre si e com as demais fontes

materiais e simbólicas do ambiente (Moreira, 2007). É preciso que haja um programa de trabalho imaginativo e multifacetado, aliado a uma dedicada persistência a partir da mais alta hierarquia e dos responsáveis pelo desenvolvimento da gestão. Qualquer unidade de ensino onde o ambiente seja hostil ou simplesmente indiferente a novas ideias, é pouco provável que alavanque a criatividade. A hostilidade ou a indiferença às ideias criativas pode assumir aspectos mais abertos ou mais sutis na sua aparência.

Em um ambiente complexo e competitivo as práticas educacionais no ensino superior devem estimular a valorização de novas atitudes como as mudanças de comportamento, maior flexibilidade e capacidade de adaptação e de aprendizagem. Sendo necessário que se desenvolvam e apliquem em seus cursos, metodologias de ensino que favoreçam o desenvolvimento de habilidades criativas, de forma a despertar as condições necessárias ao desenvolvimento de respostas criativas e inovadoras às demandas organizacionais.

## **2.2 Fatores Inibidores da Criatividade**

No que diz respeito a elementos que cerceiam a promoção da criatividade na educação superior, uma análise da literatura indica que este é um assunto ainda pouco discutido. Talvez porque a educação superior seja extensa e complexa, incluindo várias finalidades e metas. Exceções são os estudos de Jackson, Oliver, Shaw, Wisdom (2006), e Alencar e Fleith (2010) que discorrem sobre as resistências do corpo docente e discente; elementos organizacionais de natureza estrutural, cultural e processual; tempo e outros recursos; e políticas governamentais como possíveis barreiras ao florescimento da criatividade na educação superior.

Jackson, Oliver, Shaw, Wisdom (2006), em pesquisa com professores a respeito de suas perspectivas sobre criatividade, constataram o receio de professores em assumirem riscos em função de uma cultura que não tem tolerância ao fracasso. Também Fryer (1996), com base em um questionário enviado por meio eletrônico e respondido por docentes, observou recursos inadequados, carga excessiva de trabalho, tempo inadequado de preparação das aulas, grande número de alunos em sala de aula, tempo insuficiente para contato com os alunos, como elementos restritivos à expressão da criatividade na educação superior.

Alencar e Fleith (2010), entrevistando professores e alunos, sobre facilitadores e inibidores à criatividade pessoal, sobre elementos do ambiente e de variáveis pessoais que facilitam ou dificultam a expressão da criatividade, levantaram a hipótese de que a práxis pedagógica, ou seja, a forma como o ensino estava sendo conduzido era apontado como cerceadoras à promoção da criatividade.

Possíveis barreiras ou dificuldades encontradas por docentes universitários para promover condições favoráveis ao desenvolvimento e expressão da criatividade de seus alunos é, entretanto, uma questão pouco explorada, conforme literatura consultada. Tendo em vista a relevância do tema, o desconhecimento dos fatores considerados pelos docentes como elementos que dificultam a promoção de condições adequadas ao desenvolvimento/expressão da criatividade do aluno e com vistas a contribuir para a literatura sobre criatividade na educação superior, desenvolveu-se o presente estudo. O mesmo teve como objetivos identificar os elementos inibidores à promoção do desenvolvimento e expressão da criatividade, na visão dos discentes.

## **2.3 Relação entre Educação e Criatividade**

A relação entre educação e criatividade parece ser natural, quase óbvia em seu grau de "ajuste". Mas, em grande medida, isto não parece ser o caso (Plucker, Beghetto, & Dow, 2004). As mudanças de paradigmas, que a sociedade do conhecimento está impondo, tornam imprescindível à reestruturação do sistema educacional, com a adoção de novos conceitos e

práticas que preparem (qualifiquem) os novos profissionais empreendedores para atender os desafios do mercado de trabalho Sternberg, Lubart, 2005).

Nessa qualificação, devem ser observados preceitos fundamentais como integridade e individualidade proporcionando aos profissionais o pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Como afirma Hargreaves (2003), a sociedade do conhecimento atual, que se apoia em tecnologias sofisticadas e se encontra em evolução constante, tornou fundamental vivenciar situações que incentivem o ser criativo e que traga como consequência a formação de uma nova identidade que se traduzirá em níveis elevados de satisfação pessoal e eficiência produtiva.

Há ainda duas barreiras entre as apontadas pelos docentes, que necessitam ser superadas, à falta de habilidade na relação como aluno, que os impede de se expressar criativamente, não saber como adequar sua linguagem à faixa etária para tornar eficiente a comunicação, não se sentirem preparados para o controle da disciplina e a inabilidade para preparar aulas diversificadas, de forma a torná-las mais prazerosa, mas prejudicar o conteúdo (Alencar, 2002).

Pesquisadores costumam associar os 4Ps de criatividade: (*Person, Process, Product, Press*) Rhodes, (1961/1987), como citado em Runco (2004), com os ritmos da vida em sala de aula. O P de *Person* são professores e alunos; o P de *Process* são os processos da instrução e os empregados sobre como lidar com as tarefas da vida escolar, ampliando o repertório de conhecimentos e competências; O P de *Product* são as evidências tangíveis dos esforços dos alunos: os testes, ensaios, relatórios, resenhas, apresentações, e trabalhos a produzir; e o P de *Press* é a sala de aula (e casa) ambientes em que a aprendizagem do aluno e crescimento ocorre Smith & Smith (2010).

Como já afirmado há várias teorias sobre criatividade, entretanto, algumas são particularmente associadas à educação, que são agrupadas em três modelos: os orientados à pessoa, os orientados aos processos e os orientados para o produto Smith & Amnér (2010).

### **3. MÉTODO**

Para o desenvolvimento desse trabalho realizou-se uma pesquisa de natureza quantitativa. Adotou-se como estratégia metodológica a aplicação de um questionário aos estudantes do curso de Administração de Empresas, distribuídos em duas instituições privadas situadas no estado de São Paulo e numa instituição pública, situada no estado do Maranhão, as quais foram selecionadas por intencionalidade.

#### **3.1 Instrumento de medida**

Para este estudo foi utilizado o questionário com uma lista de fatores inibidores (barreiras) à promoção de condições da criatividade na aprendizagem, apresentado no apêndice I. A lista de fatores inibidores é uma adaptação da utilizada na pesquisa desenvolvida e disponibilizada pelas professoras Alencar e Fleith (2010).

Alguns fatores inibidores (barreiras) da lista original não foram incluídos, por serem considerados não pertinentes a esse estudo. Diferente da pesquisa de Alencar e Fleith (2010), o questionário foi composto de modo a ser possível obter a informação agregada dos fatores inibidores (barreira) em três conjuntos: direção da unidade de ensino superior, coordenação pedagógica e docente.

#### **3.2 Procedimentos de Coleta e Análise dos dados**

Foi conduzido um estudo piloto com 10 alunos do Curso de Administração de Universidade Pública do estado do Maranhão de modo a se garantir a clareza das instruções e

identificar possíveis revisões necessárias na estrutura dos itens incluídos no questionário. A participação dos alunos foi voluntária e em conformidade com as exigências éticas, sendo assegurado o caráter confidencial das respostas fornecidas e que os dados seriam analisados de forma coletiva.

O questionário foi respondido de forma individual, sempre na presença de um pesquisador, mantendo-se as condições citadas pelo estudo original. Para a análise dos dados foram calculadas a frequência e porcentagem para cada item do questionário (total e por gênero e tipo de instituição de ensino superior – se pública ou privada).

### 3.3 Participantes

Participaram do estudo 262 alunos do curso de Administração na Instituição Pública de São Luís do Maranhão e Privada da Cidade de Cotia do Estado de São Paulo. A escolha dessas cidades foi apenas por proximidade para coleta de informações. A população de alunos participantes nesta pesquisa foi de 262 alunos, sendo 141 (53,8%) do gênero masculino e 121 (46,2%) do gênero feminino. Deste total, 93 (24,7%) estudavam em universidade pública e 169 (64,3%) em instituições particulares de educação superior. A idade dos participantes variou entre 17 e 44 anos.

## 4. RESULTADOS

Considerando-se os fatores inibidores agrupados pertencendo a: a) direção da unidade de ensino superior, b) coordenação pedagógica, c) corpo docente, o resultado é apresentado na Tabela 1. Este resultado agrupado é importante na medida em que mostra que os fatores inibidores (barreiras) na ótica dos alunos se concentram relativamente: direção da unidade (36%) e corpo docente (33%) da Instituição de Ensino Superior.

**Tabela 1:** Fatores inibidores à promoção de condições adequadas ao desenvolvimento e expressão da Criatividade (**coordenação e corpo docente**)

Agregados de Fatores Inibidores	Porc.
Fatores relativos à direção da Instituição de Ensino Superior	36%
Fatores relativos à coordenação pedagógica da Instituição de Ensino Superior	31%
Fatores relativos ao corpo docente da Instituição de Ensino Superior	33%

**Fonte:** Elaborada com base nos dados coletados

A Tabela 2 apresenta a frequência e porcentagem de respostas ao questionário de fatores inibidores (barreiras) de barreiras à promoção da criatividade dos estudantes. Como consta na tabela, as barreiras mais apontadas pelos alunos, dentro do conjunto de direção da escola, foram: presença de alunos indisciplinados que perturbam o trabalho docente, elevado número de alunos em sala de aula e escassez de recursos materiais básicos (apontados por 66,0%, 62,2% e 61,1%). Dentro do agregado coordenação pedagogia foi: baixo incentivo, por parte da direção pedagógica, para propor outra prática pedagógica (apontado por 58,0%). No agregado corpo docente foi: falta de entusiasmo dos docentes (apontado por 58,0%).

Na Tabela 3, são apresentadas a frequência e porcentagem de alunos do gênero masculino e feminino que apontaram os distintos Fatores inibidores (barreiras). Observou-se que um percentual significativamente divergente pelos alunos do gênero feminino comparativamente ao do gênero masculino para os seguintes fatores inibidores: presença de alunos indisciplinados que perturbam o trabalho docente (76,4% e 58,2), baixo incentivo por parte da direção pedagógica para propor outra prática (64,0% e 52,5%), falta de autonomia do

docente para conduzir suas atividades (63,6% e 46,8) e pouca habilidade dos docentes para lidar com alunos indisciplinados em sala de aula (67,8% e 54,6%).

**Tabela 2:** Fatores inibidores à promoção de condições adequadas ao desenvolvimento /expressão da Criatividade (**respostas dos alunos**)

Fatores Inibidores	Freq.	Porc.
Presença de alunos indisciplinados que perturbam o trabalho docente	175	66,0
Elevado número de alunos em sala de aula	163	62,2
Escassez de recursos materiais	160	61,1
Pouca habilidade dos docentes para lidar com alunos indisciplinados	159	60,7
Falta de entusiasmo dos docentes	152	58,0
Baixo incentivo, por parte da direção pedagógica, para propor outra prática	152	58,0
Poucas oportunidades de trabalhos, estudos de casos práticos	149	54,8
Falta de autonomia dos docentes para variar práticas pedagógicas em sala de aula	144	53,3
Inabilidade dos docentes para variar práticas pedagógicas em sala de aula	139	53,1
Conteúdo das disciplinas é pouco adequado para trabalhar a criatividade	137	52,3
Insegurança dos docentes métodos para testar novas práticas pedagógicas	134	51,0
Docentes preferem métodos tradicionais de ensino	128	48,7
Direção pedagógica prefere métodos tradicionais de ensino	127	48,3
Extensão do programa das disciplinas devem ser cumpridas	117	44,5
Elevado número de disciplinas e outras atividades	116	44,3

**Fonte:** Adaptado de Alencar e Fleith (2010)

**Tabela 3:** Fatores inibidores à promoção de condições adequadas ao desenvolvimento /expressão da criatividade (**gêneros masculino e feminino**)

Fatores Inibidores	Masculino N= 141		Feminino N=121	
	Freq.	Porc.	Freq.	Porc.
Escassez de recursos materiais	83	58,5	78	64,0
Presença de alunos indisciplinados que perturbam o trabalho docente	82	58,2	93	76,4
Elevado número de alunos em sala de aula	82	58,2	83	68,6
Poucas oportunidades de trabalhos, estudos de casos práticos	82	58,2	67	55,4
Falta de entusiasmo dos docentes	79	56,0	73	60,3
Pouca habilidade dos docentes para lidar com alunos indisciplinados	77	54,6	82	67,8
Baixo incentivo, por parte da direção pedagógica, para propor outra prática	74	52,5	78	64,0
Inabilidade dos docentes para variar práticas pedagógicas em sala de aula	69	48,9	70	57,4
Conteúdo das disciplinas é pouco adequado para trabalhar a criatividade	68	48,2	69	56,6
Falta de autonomia dos docentes para variar práticas pedagógicas	66	46,8	77	63,6
Insegurança dos docentes métodos para testar novas práticas pedagógicas	63	44,7	70	57,9
Docentes preferem métodos tradicionais de ensino	62	44,0	65	53,7
Direção pedagógica prefere métodos tradicionais de ensino	60	42,6	67	55,0
Elevado número de alunos em sala de aula	58	41,1	58	47,9
Extensão do programa das disciplinas devem ser cumpridas	57	40,4	59	48,8

**Fonte:** Adaptado de Alencar e Fleith (2010)

Na Tabela 4, que apresenta os dados coletados nas Instituições de Ensino Superior Pública e Privada não se observaram diferenças significativas nos fatores inibidores (barreiras). Entretanto, os três fatores inibidores (barreiras) principais apontados pelos alunos da Instituição de Ensino Superior Pública: escassez de recurso materiais, elevado número de alunos em sala de aula e presença de alunos indisciplinados que perturbam o trabalho docente foram também apontados como os principais pelos alunos da Instituição de Ensino Superior Privada.

**Tabela 4:** Fatores inibidores alunos à promoção de condições adequadas ao desenvolvimento/expressão da criatividade (**instituição pública e privada**)

Fatores Inibidores	Pública N= 93		Privada 169	
	Freq	Porc.	Freq.	Porc.
Presença de alunos indisciplinados que perturbam o trabalho docente	63	67,7	112	66,3
Elevado número de alunos em sala de aula	58	62,4	105	62,1
Pouca habilidade dos docentes para lidar com alunos indisciplinados	58	62,4	101	59,8
Escassez de recursos materiais	57	61,3	103	60,9
Falta de entusiasmo dos docentes	55	58,6	97	57,4
Baixo incentivo, por parte da direção pedagógica, para propor outra prática	54	58,1	98	58,0
Poucas oportunidades de trabalhos, estudos de casos práticos	53	56,5	96	56,8
Falta de autonomia dos docentes para variar práticas pedagógicas	52	55,4	92	54,4
Conteúdo das disciplinas é pouco adequado para trabalhar a criatividade	50	53,2	87	51,5
Inabilidade dos docentes para variar práticas pedagógicas em sala de aula	50	53,2	89	52,7
Insegurança dos docentes métodos para testar novas práticas pedagógicas	48	51,6	86	50,9
Direção pedagógica prefere métodos tradicionais de ensino	46	48,9	81	47,9
Docentes preferem métodos tradicionais de ensino	46	48,9	82	43,2
Elevado número de alunos em sala de aula	43	45,7	73	43,2
Extensão do programa das disciplinas devem ser cumpridos	42	45,2	75	44,4

Fonte: Adaptado de Alencar e Fleith (2010)

## 5 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se os dados dos fatores inibidores de forma agregada em três conjuntos: direção da instituição de ensino superior, coordenação pedagógica e docente, esta pesquisa mostra que os alunos consideram essas três barreiras agregadas de certa forma equivalentes. Há uma leve preponderância do fator inibidor agregado: direção da instituição de ensino superior.

Contrariamente ao observado na Pesquisa de Alencar e Fleith (2010) onde das quatro maiores barreiras, apontadas pelos docentes, três diziam respeito ao aluno, constatou-se que dentre os quatro fatores inibidores (barreiras), apontados pelos alunos, três referem-se à Instituição de Ensino Superior: elevado número de alunos em sala de aula, escassez de recursos materiais básicos e presença de alunos indisciplinados que perturbam o trabalho docente. O quarto fator inibidor (barreiras) refere-se ao docente, ou seja, falta de entusiasmo do docente.

É importante ressaltar que o fator relativo ao grande número de alunos em sala, foi apontado pelos alunos, bem como pelos professores na pesquisa de Alencar e Fleith (2010). Este fator é talvez um dentre outros fatores que vai ao encontro direto do impedimento da floração da criatividade, pois a atividade criadora apenas consuma-se plenamente dentro de clima aberto e liberal, com independência aos constrangimentos exteriores, materiais ou morais.

Os resultados dessa pesquisa também se mostram opostos ao alcançado por Alencar (2004) com professores de geografia, com tutores de educação online e com professores do curso de Pedagogia. Tais barreiras refletem dificuldade por parte do professor em manter a atenção, interesse e participação do aluno, assegurando uma aprendizagem efetiva em sala de aula.

Outra constatação contraditória às pesquisas anteriores que foram realizadas acerca da visão dos docentes sobre os fatores inibidores à promoção de condições adequadas ao desenvolvimento/expressão da criatividade, para esta em sentido contrário, é o equilíbrio nos fatores inibidores (barreiras) apontados tanto por alunos da IES Pública quanto das IES Privadas

As análises apresentadas neste artigo visam contribuir para a ampliação do conhecimento sobre ambidesteridade organizacional, especialmente, para o aumento do conhecimento sobre as condições de desenvolvimento da criatividade nos cursos de Administração de Empresas. Considera-se como limitação do estudo a participação de apenas três instituições de ensino superior. Propõe-se como sugestão de pesquisas futuras, a realização de um estudo quantitativo com maior amplitude, com a mesma temática adotada para a realização desse trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M<sup>a</sup> Célia de; MASETTO, Marcos. O professor em sala de aula: prática e princípios teóricos. São Paulo: MG associados, 1990.
- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano. O estímulo à criatividade em programas de pós-graduação segundo seus estudantes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 2002.
- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano. O perfil do professor facilitador e inibidor da criatividade segundo estudantes de pós-graduação. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 84-94, jan./mar. 2000.
- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano. Obstacles to personal creativity among university students. *Gifted Education International*, Bicester, v. 15, n. 2, p. 133-140, 2001.
- Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 15, n. 2, p. 201-206, jul. 2010.
- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano; FLEITH, Denise de Souza. Barreiras à promoção da criatividade no ensino fundamental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 59-66, jan./mar. 2008b. 216 Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, 2010.
- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano; FLEITH, Denise de Souza; MIJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Obstacles to personal creativity between Brazilian and Mexican university students: a comparative study. *The Journal of Creative Behavior*, Buffalo, v. 37, n. 3, p. 179-192, third quarter 2003.
- AMABILE, Teresa M. Beyond talent. John Irving and the passionate craft of creativity. *American Psychologist*, Washington, DC, v. 56, n. 4, p. 333-336, apr. 2001.
- ANASTASIOU, Lea; ALVES Leonir. Processos de linguagem na Universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, SC. UNIVILLE, 2003.
- BARRETO, Maribel O. O papel da criatividade no Ensino Superior. *Diálogos & Ciência*. Revista da Rede de Ensino FTC. Ano V, n. 12, dez 2007.
- BEGHETTO, R. A. Creativity research and the classroom: From pitfalls to potential, 2007.
- BILTON, C. Management and Creativity: From Creative Industries to Creative Management, Blackwell Publishing, Oxford, 2007.
- BOORSTIN, D. J. (1993). Os criadores. Lisboa: Gradiva.
- CASTANHO, Maria Eugênia L. M. A criatividade na sala de aula universitária. In: VEIGA, Ilma P. Alencastro; CASTANHO, Maria Eugênia L. M. (Org.). Pedagogia universitária. A aula em foco. Campinas: Papirus, 2000. p. 75-89.
- CHEUNG, Chau-kiu; RUDOWICZ, Elisabeth; YUE, XiaoDong; KWAN, Anna S. F.

Creativity of university students: what is the impact of field and year of study? *The Journal of Creative Behavior*, Buffalo, 2003.

CHRISTIAN DE COCK. A Creativity Model for the Analysis of Continuous Improvement Programmes. *Creativity and Innovation Management*, 2 (3), 156-165, 1993.

CROPLEY, A. J. More ways than one: Fostering creativity. Norwood, N. J.: Ablex Publishing Corporation, 1992.

CROPLEY, Arthur J. *Creativity in education & learning*. London: Routledge, 2005.

CSIKSZENTMIHALYI, M. *Flow: The psychology of optimal experience*. New York: Harper Perennial, 1990.

CSIKSZENTMIHALYI, M. Systems view of creativity. In R. S. Sternberg (Ed.). *The nature of creativity. Contemporary psychological perspectives*. Cambridge, NY: Cambridge University Press, 1991.

CSIKSZENTMIHALYI, M. Intrinsic motivation and effective teaching: A flow analysis. In J. L. Bess (Ed.) *Teaching well and liking it*. London: The Johns Hopkins University Press, 1997.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *Creativity*. New York: HarperCollins, 1998.

FRIEDEL, R. Prespiration in perspective. In R. J. Weber & D. N. Perkins (Eds.). *Inventive minds: Creativity in technology*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

FRYER, Marilyn. *Creative teaching and learning*. London: Paul Chapman, 1996.

FRYER, Marilyn. Facilitating creativity in higher education: a brief account of National Teaching Fellows' views. In: JACKSON, Norman; OLIVER, Martin; SHAW, Malcolm, 1996.

GALTON, F. *Hereditary genius: An inquiry into its laws and consequences*. London: Julian Friedman (Original work published 1869), 1979.

GARDNER, H. *The mind's new science*. New York: Basic Books, 1985.

GARDNER, H. *The unschooled mind*. New York: Basic Books, 1993.

GARDNER, H. The creator's patterns. In M. A. Boden (Ed.). *Dimensions of creativity*. London: MIT Press, 1994.

GUILFORD, J. P. *Creativity*. *American Psychologist*, 1950.

GUILFORD, J. P. *Way beyond the IQ*. Buffalo: Creative Education Foundation. Buffalo, NY: Creative Education Foundation, 1977.

HARGREAVES, A. *O ensino na sociedade do conhecimento: a educação na era da insegurança*. Porto: Porto Editora, 2003.

JACKSON, Norman; OLIVER, Martin; SHAW, Malcolm; WISDOM, James. *Developing creativity in higher education*. London: Routledge, 2006.

JASKYTE, Kristina; TAYLOR, Heidi; SMARIGA, Robert. Student and faculty perceptions of innovative teaching. *Creativity Research Journal*, Mahwah, 2009.

KRIS, E. *Psicanálise da arte*. São Paulo: Brasiliense, 1968.

LUBART, T. I. Creativity. In R. J. Sternberg (Ed.). *Thinking and problem solving*. New York: Academic Press, 1994.

MACKINNON, D. W. *The creative person*. Berkeley: University of California Press, 1963.

RHODES, Mel. An analysis of creativity, *Phi Beta Kappen*, 42, 305-310, 196.

MOREIRA, Adelson F. *Ambientes de Aprendizagem no Ensino de Ciência e Tecnologia*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007. (Notas de aula).

PARNES, S. J. *Compendium of research on creative*, 1960.

PARNES, S. J. *Creative behavior guidebook*. New York: Scribner's, 1967.

PARNES, S. J. *Visionizing*. East Aurora, N. Y.: D.O.K. Publishers, 1988.

PLUCKER, J. A., BEGHETTO, R. A., & DOW, G. T. Why isn't creativity more important to educational psychologists? Potentials, pitfalls, and future directions in creativity research. *Educational Psychologist*, 39, 83 – 96, 2004.

PIIRTO, JANE. *Understanding those who create*. Dayton, Ohio: Ohio Psychology Press, 1992.

PIMENTA Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. *Docência no Ensino*

Superior. São Paulo: Cortez - Coleção Docência em Formação, 2002.

PRENTKY, R. Creativity and psychopathology. In J.A. Glover, R.R. Ronning & C.R. Reynolds (Eds.). Handbook of Creativity. New York: Plenum Press, 1989.

ROTHENBERG, A. Creativity and madness: New findings and old stereotypes. London: The Johns Hopkins University Press, 1990.

RUAS, Roberto. Literatura, dramatização e ensino em Administração – uma experiência de apropriação de práticas teatrais à formação gerencial. Encontro anual da associação nacional dos cursos de pós-graduação em Administração”, 2005.

RUNCO, M. Insight for creativity, expression for impact. Creativity Research Journal 8 (4), 1995.

SIMONTON, K. Genius, creativity and leadership. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

SIMONTON, D. K. Creativity, leadership and chance. In R. J. Sternberg (Ed.). The nature of creativity . Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

SIMONTON, D. K. Creativity, leadership and chance. In R. S. Sternberg (Ed.). The nature of creativity. Contemporary psychological perspectives. Cambridge, NY: Cambridge University Press, 1991.

SMITH, G. J. W. & AMNÉR, G. Creativity and perception. In M. A. Runco (Ed.) The creativity research handbook (Vol I). Cresskill, N. J.: Hampton Press, 1997.

SOUZA, Fernando Cardoso. Criatividade e eficácia no ensino superior: percepções de estudantes e professores. Teoria, Investigação e Prática, Porto, v. 6, p. 189-213, 2001.

SOUZA, Maria Emília G.; ALENCAR, Eunice M. L. Soriano. O curso de Pedagogia e condições para desenvolvimento da criatividade. Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 10, n. 1, p. 21-30, jan/jun. 2006.

STEIN, B. Memory and creativity. In J.A. Glover, R.R. Ronning & C.R. Reynolds (Eds.). Handbook of Creativity. New York: Plenum Press, 1989

STERNBERG, R. J. e LUBART, T. I. Defying the crowd. London: The Free Press, 1995.

TERRA, J. C. Dimensões da Gestão da Inovação - Uma Abordagem Para a Transformação Organizacional. Terra, José Claudio C. Elsevier – Campus, 2012.

WEISBERG, R. Problem solving and creativity. In R. S. Sternberg (Ed.). The nature of creativity. Contemporary psychological perspectives. Cambridge, NY: Cambridge University Press, 1991.

ZABALZA, Miguel. O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre. Artmed, 2004.